ELEIÇÕES 2014

Mais de um terço dos brasileiros tem serviço precário de água

Eleitores cobram regularidade no abastecimento, mas governos não conseguem entregar qualidade

Alexandre Rodrigues
alexandre.rodrigues@oglobo.com.br

Com os passos limitados pela recuperação de uma pneumonia, a auxiliar de serviços gerais Vanessa Martins, de 37 anos, abre a porta de casa e caminha devagar pelo quintal carregando um balde. Ela empurra com dificuldade a tampa da caixa d'água que tem ali mesmo, no chão, quase cheia com a água que conseguiu naquele dia ligando uma mangueira à torneira do banheiro da vizinha, que tem um poço artesiano. Ela volta para a cozinha e começa a tira água do balde com um pote de margarina para lavar a louça do almoço deixada pelos quatro filhos. Ela não tem certeza da qualidade dessa água, mas, como é a única disponível, usa para beber, cozinhar, tomar banho. A cada necessidade, repete o ritual. Pelo menos dez vezes por dia, calcula.

O cotidiano de Vanessa parece com aquele já bem conhecido das comunidades castigadas pela seca no semiárido nordestino. Só que ela vive no Parque Muísa, bairro de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, que fica a 30 quilômetros do Centro do Rio, a segunda capital mais rica do país. Na casa de Vanessa não há mais uma torneira sequer. O objeto se tornou inútil porque não chega água da rede geral há mais de uma década. Mesmo assim, um hidrômetro está lá, na porta da casa, como um enfeite. Por causa dele, as estatísticas oficiais contam a casa dela entre os 50 milhões de domicílios brasileiros, 93% do total, com acesso a água encanada em áreas urbanas. Na vida real, ela não pode contar com um dos serviços públicos mais básicos.

— Estou doente, e a falta d'água me prejudica muito. Tenho que sair na friagem de noite para pegar água até para usar o banheiro. Isso me aborrece e me deixa muito cansada, não posso fazer esforço. Todo mundo precisa de água, é o mínimo. Mas ainda tenho sorte. Se não fosse a vizinha me dar água, eu não teria uma gota sequer — diz.

EXPANSÃO NÃO VEIO COM QUALIDADE

O acesso à água encanada avançou no Brasil nos últimos anos, chegando perto da universalização, mas a expansão dos sistemas não foi acompanhada de um serviço de qualidade. Dados do Sistema Nacional de Informações de Saneamento (SNIS) e do Plano Nacional de Saneamento Básico (Plansab), publicado no final do ano passado pelo Ministério das Cidades com metas para a universalização do saneamento básico, mostram que 34% da população têm acesso a redes de abastecimento, mas não recebem água regularmente, enfrentando paralisações ou interrupções no abastecimento pelo menos uma vez por mês.

Segundo o SNIS, cujas informações mais recentes são de 2012, em um ano, foram registradas mais de 90 mil interrupções no fornecimento de água em todo o país, que atingiram 96 milhões de pessoas. Foram 27.376 paralisações dos sistemas de água por razões operacionais e outros 64.373 cortes não programados. A soma da duração dos períodos sem água enfrentados por brasileiros de todas as regiões chegou à impressionante marca de 778.700 horas só em 2012.

DISPUTA ELEITORAL EM SÃO PAULO

A seca prolongada no Sudeste, que baixou o nível da reserva do sistema Cantareira em São Paulo e ameaça o abastecimento da maior cidade do país, colocou o abastecimento de água na pauta das eleições em meio à insatisfação crescente dos brasileiros com a qualidade dos serviços públicos. O governador Geraldo Alckmin (PSDB), candidato à reeleição, é acusado pelos rivais de ter negligenciado investimentos no setor. No Rio, o governador Luiz Fernando Pezão (PMDB) também busca a reeleição sob cobranças parecidas diante do problema crônico de falta d'água na Baixada Fluminense. No entanto, esse problema não é só das duas maiores regiões metropolitanas do país.

Segundo um levantamento da Agência Nacional de Águas (ANA), mais de três mil cidades brasileiras, 55% do total, correm o risco de não conseguir manter o abastecimento de água a partir de 2015. Isso por falta de investimentos para ampliar a capacidade de tratamento de água ou para identificar novos mananciais para ampliar a captação e acompanhar o aumento da demanda com o crescimento populacional.

O trabalho realizado em 2011, que está em fase de atualização pelos técnicos da ANA, apontou a necessidade de investimentos de R$ 22 bilhões no setor para garantir a segurança hídrica desses municípios. Dinheiro não falta. Desde 2007, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) já reservou R$ 80 bilhões em verbas federais para obras de saneamento, mas quase metade desses recursos ficou parada nos cofres do Ministério das Cidades por falta de projetos.

Sem conseguir aumentar a oferta de água para atender a toda a população, e cada vez mais vulneráveis a fenômenos climáticos, as distribuidoras de água recorrem às manobras que provocam a intermitência no abastecimento. É preciso cortar a água de alguns para manter a de outros. Quase sempre, o corte é feito nas periferias. Enquanto isso, 37% de toda a água tratada no Brasil se perdem em vazamentos e ligações clandestinas antes de chegar às torneiras dos consumidores que pagam as contas, mas não têm um serviço satisfatório. No Amapá, por exemplo, esse índice ultrapassa 70%.

O cenário pode ser ainda pior considerando que os dados do SNIS são fornecidos pelas próprias companhias de abastecimento de água. Diferentemente de serviços como telecomunicações e energia elétrica, a água não tem uma regulação federal, com padrões de qualidade. A ANA só regula o manejo de mananciais.

— A legislação diz que o saneamento é atribuição dos municípios, a quem cabe a regulação. O resultado é uma bagunça generalizada. A regulação é fundamental em qualquer ramo da atividade de prestação de serviços — diz Dante Ragazzi Pauli, presidente da Associação Brasileira de Saneamento, que reúne profissionais do setor.

O Ministério das Cidades informou que espera a melhoria dos indicadores com a conclusão das obras financiadas pelo PAC, mas atribui a baixa execução do orçamento às dificuldades técnicas das cidades. A intermitência no abastecimento de água é, para o ministério, fruto da falta de modernização dos sistemas frente ao crescimento da demanda. Sobre a veracidade dos dados do SNIS, o ministério admite que não tem mecanismos de fiscalização, tarefa das agências regionais. Ainda de acordo com o Ministério das Cidades, o índice anual médio de perdas de água vem caindo desde 2006, quando ficou em 43,8%. ●

SIMONE MARINHO

Improviso. Embora tenha um hidrômetro, Vanessa Martins não recebe água da rede e sequer tem torneiras em casa

PELO RALO

O abastecimento de água no Brasil está perto da universalização...

93%
dos domicílios urbanos têm acesso à água encanada

... mas o serviço é irregular e não tem qualidade.

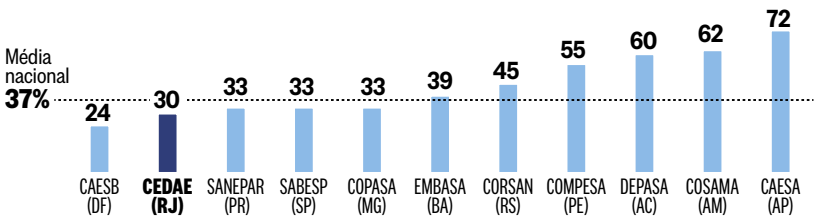
	PARALISAÇÕES DOS SISTEMAS DE ÁGUA EM 2012	INTERRUPÇÕES NO ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM 2012
Registros	**27.376**	**64.373**
Consumidores atingidos	**7,4 milhões**	**88,7 milhões**

Mais de metade das cidades brasileiras corre risco de racionamento...

3.059
é o número de cidades que podem ter déficit de água em 2015

... mas o país desperdiça muita água.

ÍNDICE DE PERDAS NA DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA DAS DISTRIBUIDORAS ESTADUAIS



FONTES: SNIS 2012, Censo IBGE 2010 e Plansab 2013

Análise

Insatisfação com serviço aparece nas redes sociais

O Norte e o Sudeste têm concentrado nos últimos dias as menções na internet a crises de abastecimento de água, revelando a preocupação com a insegurança hídrica em cidades dessas regiões. O retrato da insatisfação nas redes sociais reflete uma realidade de baixos investimentos em saneamento básico no país e reforça o cenário de descontentamento disseminado com a qualidade dos serviços públicos em geral.

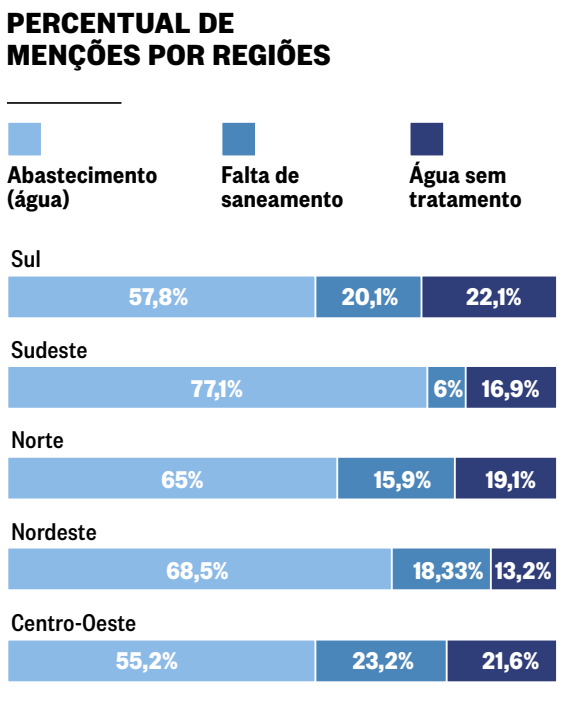
Um monitoramento de rede feito pela equipe da Diretoria de Análises de Políticas Públicas da FGV entre os dias 11 e 18 de julho constatou que as regiões Norte e Sudeste tiveram uma regularidade no volume de menções sobre água — entre 2 mil e 3 mil por dia. Mas tiveram um pico de menções no dia 11, por conta dos relatos de esgotamento do volume regular do Sistema Cantareira, em São Paulo. Os relatos abrangeram ainda outras regiões, como a cidade de Pará de Minas (MG) e alguns bairros de Manaus (AM), que sofreram crises de abastecimento.

O quadro observado por meio das redes na área de água e saneamento reforça, nesse sentido, a insatisfação com os serviços públicos em todos os níveis de governo, nas áreas de Educação, Saúde, Segurança e Transporte. A nuvem de palavras acima revela os termos que são associados ao tema: "falta de água", "cantareira", "volume morto" e "falta de chuva". Mas também menções às companhias de abastecimento e às "contas" de água, reflexo do descontentamento com serviços dessas empresas. Veja no site do GLOBO mais gráficos com os resultados do monitoramento.

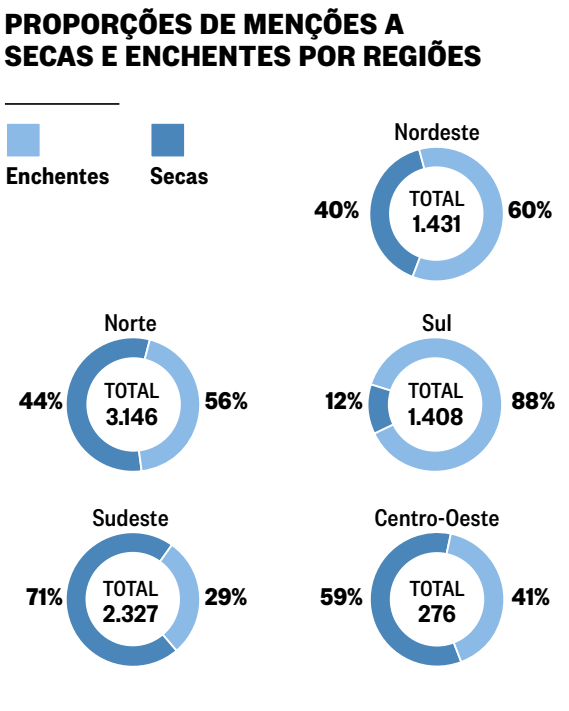
O GLOBO revelou em março que o Brasil ocupa a 112ª posição no Índice de Desenvolvimento do Saneamento. A região em pior situação é o Norte, seguida de Nordeste e Sudeste, justamente as que tiveram o maior volume de menções nas redes. O Nordeste também apresentou aumento de menções nos últimos dias.

A correlação do retrato das redes com a realidade dos serviços de água indica que o problema não se restringe à questão da falta de chuva ou do esgotamento de reservas. A insuficiência de investimento das três esferas de governo tem relação estreita com as crises de abastecimento de água e a cobertura insuficiente da rede de saneamento. ●

PERCENTUAL DE MENÇÕES POR REGIÕES



PROPORÇÕES DE MENÇÕES A SECAS E ENCHENTES POR REGIÕES



Metodologia

A FGV-DAPP faz monitoramento de dados em redes sociais — como Twitter e Facebook — com o auxílio de softwares de busca de menções online. Expressões e palavras da língua portuguesa referentes aos objetos de pesquisa são relacionados e classificados com a utilização de técnicas de análise textual, de forma a restringir as menções à área do tema de interesse.

FGV DAPP